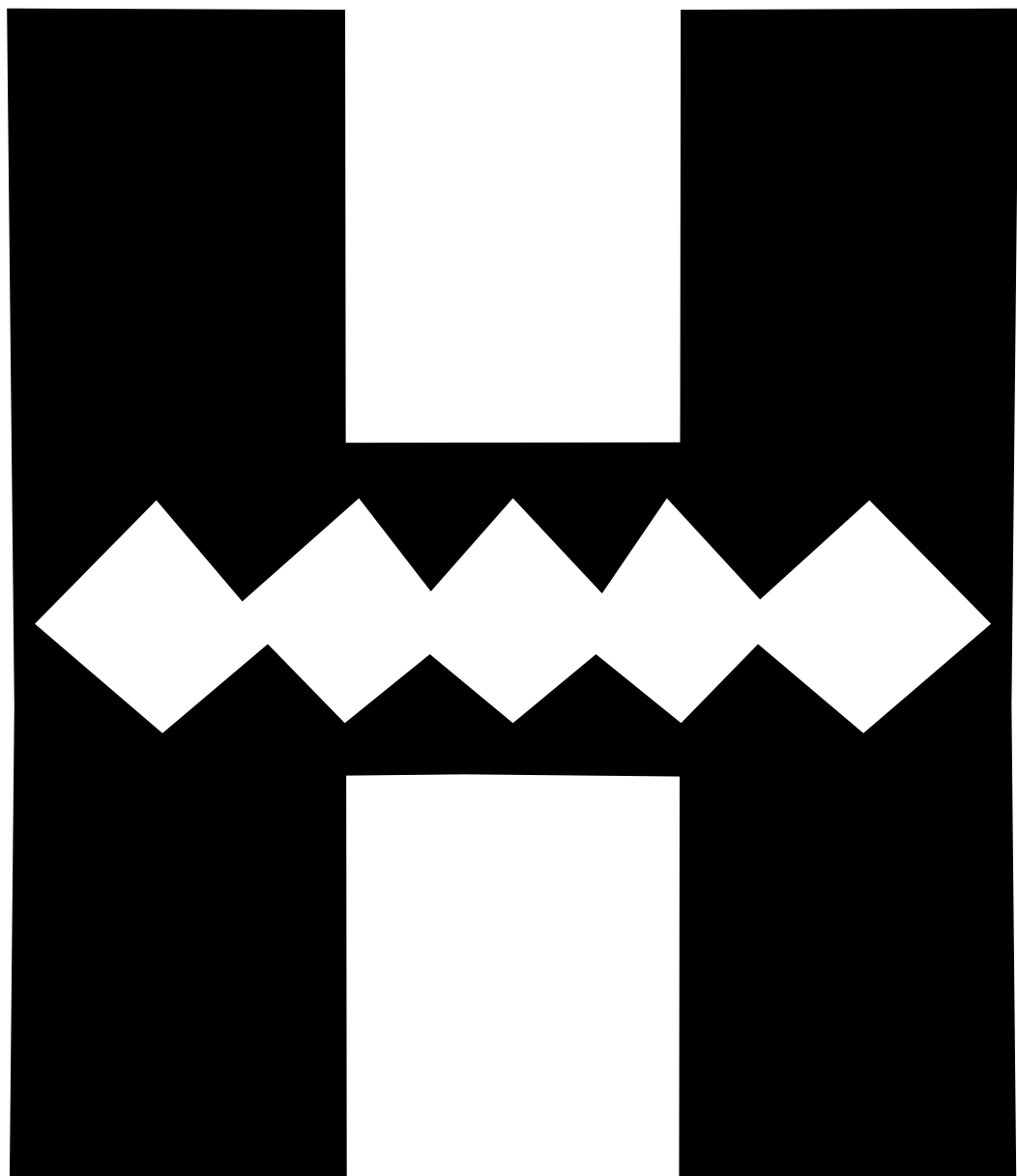


**caderno de
educação**

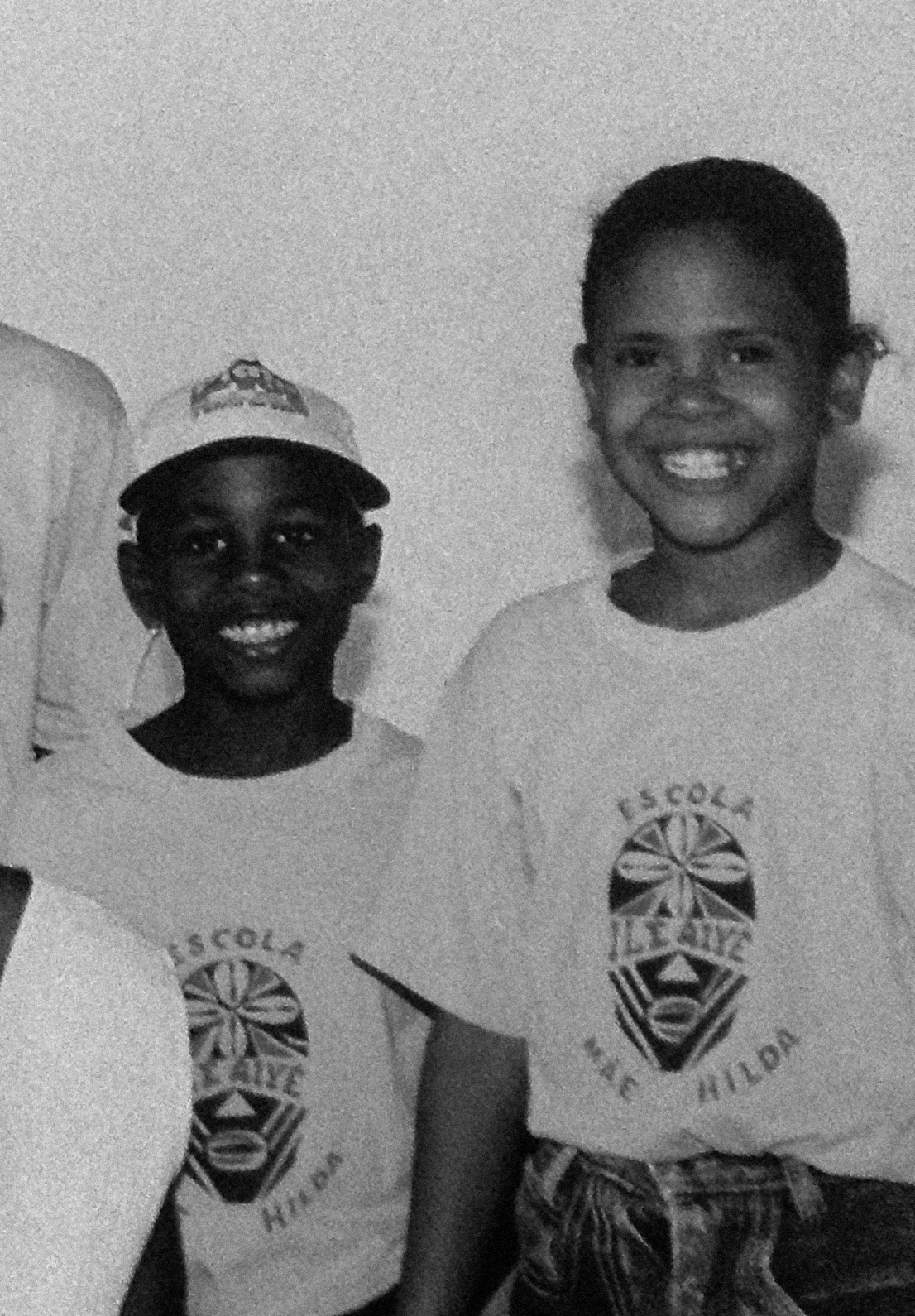
**ilê aiyê 1995—2013
projeto de extensão pedagógica**

12

mãe hilda jitolu







ESCOLA
ALE AYE
HILDA

ESCOLA
ALE AYE
HILDA

É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

MÃE HILDA JITOLU: GUARDIÃ DA FÉ E DA TRADIÇÃO AFRICANA

Maria de Lourdes Siqueira

ensaio

Introdução

Mãe Hilda Jitolu, nascida Hilda Dias dos Santos Jitolu, foi uma figura central na preservação e disseminação da fé e da tradição africana no Brasil. Como iyalorixá, sua liderança e sabedoria transcenderam gerações, influenciando não apenas sua família, mas também comunidades inteiras através de sua dedicação ao candomblé. Sua vida e obra refletem a resistência e a riqueza cultural da diáspora africana, consolidando-se como um pilar fundamental para a manutenção das tradições afro-brasileiras.

Primeiros anos e formação espiritual

Mãe Hilda cresceu em um ambiente profundamente enraizado nas tradições africanas. Desde cedo, ela testemunhou a fé e a generosidade de sua mãe, que sempre abriu as portas de sua casa para ajudar os necessitados. Essas experiências formaram a base do que seria sua vida dedicada ao serviço comunitário e à preservação das tradições religiosas africanas. Em suas palavras: “Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé. Minha casa sempre foi frequentada pelo que considero herança de minha mãe” (Siqueira, 1996, p. 3).

Ela foi iniciada no candomblé pelo Babalorixá Cassiano Manoel de Lima e continuou suas obrigações sob a orientação de Iyalorixá Constância da Rocha Pires, conhecida como Mãe Tança, no Terreiro Cacunda de Iaiá. Mãe Tança,

**O CANDOMBLÉ
SEMPRE FOI CASA
DE ENSINAMENTOS E
ESTA FUNÇÃO AGORA
PROSSEGUE COM AS
NOSSAS DIVERSAS
ESCOLAS**

descrita como uma mulher bondosa e generosa, passou seus conhecimentos e direitos religiosos para Mãe Hilda, permitindo que ela continuasse a tradição. Nas palavras de Mãe Hilda, “Mãe Tança era uma pessoa muito bondosa. Gostava de passar ‘as coisas’ para as pessoas, ela não era dessas que segurava, ela passava se a pessoa tinha direito. Mãe Tança tinha esse direito” (Siqueira, 1996, p. 5).

Criação do ilê axé jitolu

Em 1952, Mãe Hilda fundou o Terreiro Ilê Axé Jitolu, um marco na história do candomblé e da comunidade afro-brasileira. O terreiro, nascido de sua fé em Obaluayê, tornou-se um centro de resistência cultural e espiritual, celebrando festivais e rituais que atraíam pessoas de diversas origens e reforçavam a identidade afro-brasileira. “Eu tive de lutar para juntar dinheiro para fazer o Terreiro, fazer a casa. Assim nasceu o Ilê Axé Jitolu. Aí se considera nascimento. Nasceu um terreiro dia seis de agosto de 1952” (Siqueira, 1996, p. 7).

O Terreiro Ilê Axé Jitolu rapidamente se tornou um espaço de referência, não apenas para a prática religiosa, mas também para a promoção de atividades culturais e sociais. As festas e cerimônias organizadas no terreiro atraíam centenas de pessoas, contribuindo para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira. “Começamos com a festa de Obaluayê no dia 16 de agosto. No mês de setembro, prosseguimos com a festa do Caboclo Tupiassu. A gente celebra com muita garra, com muita animação, tudo a que ele tem direito” (Siqueira, 1996, p. 9).

Família e compromisso comunitário

Casada com Waldemar Benvindo dos Santos, Mãe Hilda

criou cinco filhos que se tornaram figuras proeminentes no cenário cultural e religioso brasileiro. Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, fundou o bloco afro Ilê Aiyê, enquanto Hildete Valdevina dos Santos Lima, ou Dete Lima, tornou-se diretora artística do Ilê Aiyê e vice-presidente do Instituto Mãe Hilda Jitolu. Outros filhos, como Vivaldo Benvindo dos Santos e Hildelice Benta dos Santos, também assumiram papéis importantes no Ilê Axé Jitolu e em iniciativas culturais e educacionais. “O Ilê Aiyê tem uma força e eu creio que essa força foi trazida pelo Axé do Orixá porque quando eu comecei a ter filhos, já tinha as minhas obrigações na minha cabeça, no meu corpo, então o meu primeiro filho já nasceu dentro do Axé” (Siqueira, 1996, p. 11).

O compromisso de Mãe Hilda com a comunidade ia além da família. Ela sempre acreditou na importância da educação e do desenvolvimento cultural para a emancipação do povo negro. Com esse objetivo, fundou uma escola de 1º grau que se tornou um modelo pedagógico para outras instituições da comunidade, oferecendo aulas de religião e teatro, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O terreiro é pequeno, mas já tem disciplina que é uma escola de minhas filhas de santo e para as crianças daqui. Carentes da nossa comunidade, acho que Deus me ajudou que o meu sonho foi realizado, eu fundei essa escola” (Siqueira, 1996, p. 13).

Impacto cultural e social

Mãe Hilda foi uma pioneira na articulação de tradições afro-brasileiras com a educação e a cultura popular. Ela fundou uma escola que virou uma referência educacional para os estudantes e toda a comunidade do bairro do Curuzu,

onde está a sede da instituição, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O candomblé sempre foi casa de ensinamentos e esta função agora prossegue com as nossas diversas escolas” (Siqueira, 1996, p. 15).

Além de seu trabalho na educação, Mãe Hilda teve um papel fundamental na criação do bloco afro Ilê Aiyê. Fundado em 1974, o Ilê Aiyê tornou-se um símbolo de resistência e valorização da cultura negra. “O Ilê surgiu em 1974. 1975 foi o primeiro ano que ele foi para a rua, mas antes dele sair, porque ele surgiu numa Casa de Candomblé consultando os orixás, achei que era muitos negros juntos [...] Achei que era necessário que se fizesse alguma coisa por parte do Axé para pedir proteção para esse povo” (Siqueira, 1996, p. 17).

Mãe Hilda também foi uma das responsáveis pela criação do Grupo de Mulheres de Axé Dandarêrê, que abre alas nos desfiles do Ilê Aiyê representando ancestralidade, tradições culturais, religiosas e étnicas. Essas mulheres, guiadas pela força e proteção dos orixás, são um exemplo vivo do legado de Mãe Hilda.

Legado e reconhecimento

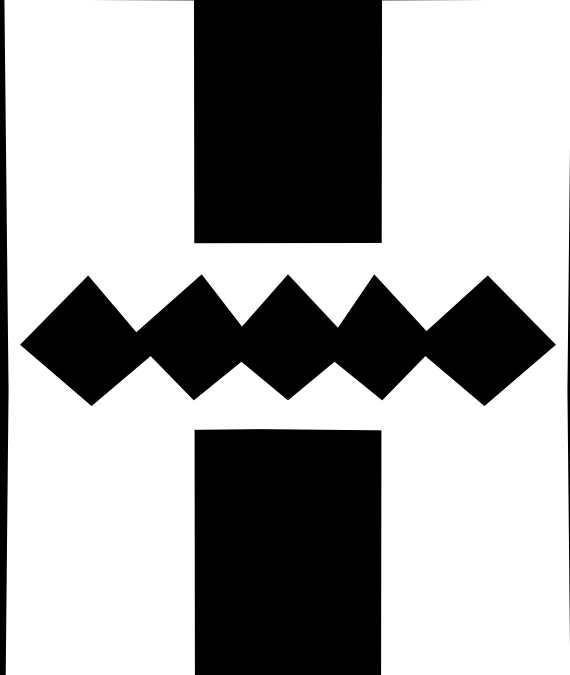
A fé inabalável de Mãe Hilda e sua dedicação à preservação das tradições africanas lhe renderam várias homenagens, - que fizeram jus à sua importância cultural e imaterial. Ela também foi imortalizada em músicas e recebeu tributos durante festivais e eventos culturais. A cidade de Salvador reconheceu seu trabalho, conferindo-lhe honrarias como a Chave da Cidade e a Medalha 2 de Julho, entre outros. “Mãe Hilda recebeu homenagens da 2ª série da Escola Mãe Hilda e de compositores do Ilê Aiyê. Que as Mães Pretas

do Brasil sejam parecidas com Mãe Hilda. Nos acaltem, nos acolham, nos aconselhem para sermos negros felizes” (Siqueira, 1996, p. 19).

Seu trabalho e legado transcenderam as fronteiras do terreiro, impactando a sociedade em geral. Ela participou de eventos importantes como o II Congresso Internacional dos Orixás, onde contribuiu para o diálogo entre a Igreja Católica e as religiões afro-brasileiras. Além disso, Mãe Hilda sempre esteve presente em celebrações religiosas de outras denominações, demonstrando seu respeito e abertura para a diversidade religiosa.

Conclusão

O legado de Mãe Hilda Jitolu é uma herança viva que continua a inspirar e fortalecer a identidade afro-brasileira. Seu trabalho como guardiã da fé e da tradição africana é um testemunho de sua visão e dedicação, assegurando que as futuras gerações mantenham viva a chama da cultura e espiritualidade africanas no Brasil. Sua vida e obra são um exemplo de resistência e resiliência, refletindo a profundidade e a riqueza das tradições africanas que ela tanto prezou e preservou. Mãe Hilda continuará a ser lembrada e honrada por sua contribuição inestimável à cultura afro-brasileira.



sumário

4	prefácio
6	ensaio
19	apresentação
22	mãe hilda jitolu - guardiã da fé
28	mãe hilda jitolu: origem e trajetória
39	a família de santo de origem de mãe hilda
48	a força da palavra e ações rituais de mãe hilda
52	religiosidade no ile aiyê
56	a escola mãe hilda e sua inspiração no candomblé
60	uma tentativa de síntese
64	mãe hilda jitolu: a matriarca
75	mãe hilda jitolu - guardiã do quilombo
86	atividades pedagógicas

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

GUARDIÃ DA EÉ E DA TRADIÇÃO AFRICANA

para Hildemária Georgina dos Santos

apresentação

Mãe Hilda Jitolu — Estrela Guia da Comunidade Negra Ilê Aiyê

JITOLU

- ◆ É digna
- ◆ É sabedoria
- ◆ É fé
- ◆ É inteligência
- ◆ É responsabilidade social
- ◆ É orientação
- ◆ E leitura da história
- ◆ É amor à família
- ◆ É casa aberta

GUARDIÃ DA FÉ E DA TRADIÇÃO AFRICANA

Foi no ritmo do xexerê e no passo jejê-nagô que o Ilê Aiyê homenageou, no Carnaval de seus trinta anos, a matriarca do Curuzu Mãe Hilda Jitolu. Mais uma vez, sabiamente, os nossos compositores souberam traduzir poeticamente o tema proposto pela direção do bloco. Jucka Maneiro, Roberto Cruz e Sandoval, na música “Guardiã da Beleza Negra”, disseram que Mãe Hilda é a nossa “Estrela guia/Dona da sabedoria/ Da tradição, da religiosidade” e que, ao longo desses trinta anos de existência do primeiro bloco afro do Brasil, ela conseguiu transformar “todos os espinhos em flor”. Já os compositores campeões Lafaete e Cosme Silva, na canção “Força, Raça e União”, traduziram o amor do Ilê à Mãe Hilda, afirmando que o bloco cantava

de cabeça erguida em homenagem àquela que é “A nossa estrela negra, exemplo de vida”.

Se o Carnaval dos trinta anos do Ilê Aiyê foi mais uma amostra da consolidação da proposta político-cultural e educativa da nossa entidade, nesta nova edição do Caderno de Educação, do Projeto de Extensão Pedagógica, vamos continuar lhe convocando para fazer uma educação que contemple os saberes produzidos a partir dos referenciais africanos. Não duvidamos que, apenas absorvendo esses saberes, faremos uma educação que contemple a pluralidade do país. Mas, queremos fazer uma educação reafirmando sempre a contribuição decisiva que os descendentes de africanos deram para a construção do Brasil.

Salvador, junho de 2004

A Coordenação do PEP do Ilê Aiyê

Mãe Hilda Jitolu – Guardiã da Fé e da Tradição Africana

1923

06 de janeiro: data de nascimento de Mãe Hilda

1936

Ano em que veio morar no Curuzu

1942

24 de dezembro: recebeu o nome de JITOLU

1950

06 de setembro: casou-se com o Sr. Waldemar Benvindo dos Santos

1952

14 de junho: nascimento do filho primogênito - Antônio Carlos dos Santos Vovô

06 de agosto: nascimento do Terreiro Ilê Axé Jitolu

1974

01 de novembro: criação do Bloco Afro Ilê Aiyê no Terreiro Ilê Axé Jitolu

1975

Fevereiro: primeiro desfile do Bloco Afro Ilê Aiyê no Carnaval de Salvador

1981 a 1986

Período da Obrigação de Axexê para Zumbi dos Palmares - Baba Ogum

1988

Criação da Escola Mãe Hilda

1993

Criação do cartão postal em homenagem a Mãe Hilda

1995

20 de novembro: viagem a Serra da Barriga para o evento “300 Anos de Zumbi dos Palmares”

20 de novembro: recebeu a Medalha Dois de Julho, em ouro, através da Prefeitura Municipal do Salvador

Fundação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Mãe Hilda acolhe, no Terreiro, 50 professores das escolas públicas da Liberdade para capacitação.

2001

Recebe a Chave da Cidade durante o Carnaval de Salvador

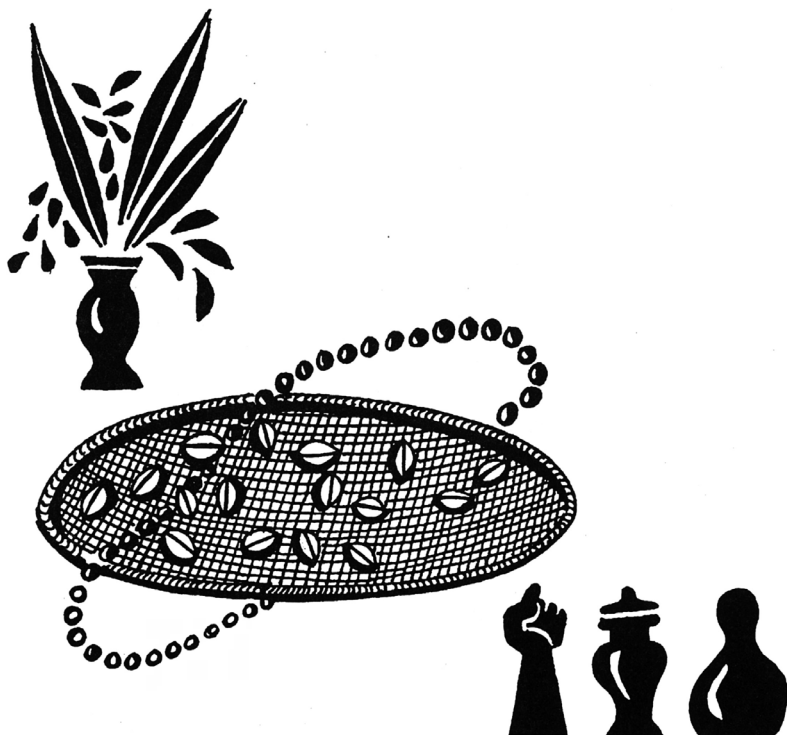
2004

81 anos de vida e 65 anos de Sacerdotisa no Candomblé. Mãe Hilda é homenageada no Carnaval pelos 30 anos de Ilê Aiyê.



Mãe Hilda Jitolu: origem e trajetória

01



A trajetória de vida religiosa de Mãe Hilda é a trajetória da sua própria vida, afirmou Vivaldo Benvindo, filho de Mãe Hilda e Diretor do Ilê Aiyê. Nascida na Quinta das Beatas, Brotas, ela vem aos treze anos para o Curuzu e aqui ela realiza uma história de vida, recria uma cultura e abre para o futuro um caminho brilhante, centrado na fé, na tradição e na religiosidade, sempre inspirada pela herança africana: sua origem, sua trajetória, seu legado, sua vida.

Mãe Hilda recebeu e multiplicou os talentos, os dons, a sabedoria, a força da fé e da tradição africana.

A ancestralidade africana legou à Mãe Hilda essa tradição religiosa. A origem de Mãe Hilda vem de dois reinos tradicionais africanos.

Mãe Hilda é filha de dois reinos africanos

- ◆ Jitolu do antigo Reino de Abomey - atual Benin
- ◆ Jitolu do antigo Reino Yorubá - atual Nigéria

Mãe Hilda é filha de Obaluaiyê – o velho, o filho do santo, o rei e proprietário da terra, aquele que tem o dom da cura, aquele que tem o dom do conselho. Aquele que cria, renova, reorienta o sentido das diferentes dimensões da vida e da espiritualidade. Obaluaiyê é também Omolu, mais usado no Ketu/Nagô. Para alguns antigos, Obaluaiyê é Omolu e também Kigongo.

Obaluaiyê é o principal responsável pela saúde. Médico que cuida do corpo e da alma das pessoas, por isso tem poderes inimagináveis. Ele desperta nas pessoas o dom da renovação, do crescimento, do trabalho, da reflexão, da crença no sagrado, no divino, na esperança e na coragem de acreditar no seu Orixá e acreditar na vida. As pessoas crescem sob o poder e orientações das lições de Obaluaiyê.

Obaluaiyê, Omolu ou Kigongo estabelece uma relação dinâmica com a sociedade. Ele faz acreditar em segredos que não revela, mas existem e dão força, que animam as pessoas às iniciativas e a realizar os processos de construção social, cultural e espiritual.

Mãe Hilda é filha de Oxum. Ela vem de Abeokuta, cidade vizinha de Ifé, de Ibadan, de Ibó, de Oyó, Ilorin, Ileshá e Egbá, todas de língua Yorubá, com seus Alafins.

As terras de Oxum ficam nos tradicionais vergéis do Golfo do Benin, hoje Nigéria. Oxum tem suas lendas, seus kekés, seus bantés, suas joias, suas sedas, seu colorido amarelo-ouro e seus perfumes. A precisão dos seus passos, dizendo a sua verdade a todos os cantos, com sua voz entre tons graves e agudos segundo a circunstância que sua missão solicita, é sempre guiada por Olorun, inspirada por Ifá.

Oxum é Juntó de Jitolu. Oxum colocou nas mãos de Mãe Hilda força, graça, ternura, beleza, sabedoria e compromisso. Com estes dons, Mãe Hilda transforma tudo em Água Viva, em seiva que fecunda o bem, a prosperidade, a orientação, o conselho, a palavra amiga, a atenção especial que ela dedica a cada pessoa, segundo suas necessidades.

Mãe Hilda tem mãos abençoadas as quais ela soma às suas palavras de voz macia, gestos nobres que constituem momentos de transformação do natural ao sagrado. Ela tem poderes para abençoar a natureza com a força dos Voduns.

Todos os povos que constituem a origem africana da espiritualidade de Mãe Hilda fizeram o processo de travessias que o povo negro realizava entre as águas do Rio Nilo

e do Mar Vermelho, num movimento cultural e religioso que unia Egito, Líbia, Abissínia, Sudão, Etiópia, Eritreia e a região dos Grandes Lagos.

Toda esta trajetória se passa entre grandes reinos conhecidos e que relembram nossas origens:

- ◆ Abomey
- ◆ Benin
- ◆ Yorubá
- ◆ Congo
- ◆ Angola
- ◆ Moçambique
- ◆ Zimbabwe
- ◆ Mali
- ◆ Ghana
- ◆ Shongai

Grandes templos que se recriam nos espaços da diáspora negra:

- ◆ Abeokutá
- ◆ Tombuctu
- ◆ Djené
- ◆ Templo de Isis
- ◆ Oyó
- ◆ Ketu
- ◆ Pobé

Força, raça e união

(Lafaeete e Cosme Silva)

A força da união da raça Ilê
Bato no peito canto de cabeça erguida
Em homenagem a Mãe Hilda Jitolu
A nossa estrela negra exemplo de vida
Filha de Obaluaiyê, Oxum é o seu juntó
Que vem lá de Abeokutá
Cidade vizinha de Ifê e Oyó
Foi com muita gentileza
Mãe Hilda recebeu o Deká
Das mãos de Constância Mãe Tança
No Terreiro Cacunda de Yayá
Filha de dois grandes reinos Abomey e Yorubá
Que tem muitas confluências
Agora vou the mostrar
Sudão, Etiópia, Eritréia, Congo, Angola, Golfo do Benin
Moçambique, Abissínia, Zimbabwe, Gana e Mali
É é Reino de Yorubá Atual Nigéria
Ê ê ê Reino de Abomey Atual Benin
Lá na Serra da Barriga
Vejam o que aconteceu
Uma oferenda a Zumbi dos Palmares
Que Mãe Hilda ofereceu
Ele era filho de Ogum
Pra negrada Zumbi nunca morreu
Seguindo sua tradição
O despacho ela faz
Soltando as pombas brancas
Pedindo axé, amor e paz
É Mãe Hilda Jitolu
Cinquenta anos de axé
Trinta de Ilê
Subindo o Curuzu



A ORIGEM DA DIGINA JITOLU

O Orukó que ela recebeu na saída do Ronkó é a Dígina Jitolu, nome pelo qual Obaluaiyê, seu pai, rei do Dahomé, é conhecido lá na terra do Jêje, que lhe dá origem.

Seu Terreiro é jêje-nagô, como as duas divindades que constituem a orientação de sua cabeça.

Filha de Obaluaiyê e Oxum, Mãe Hilda tem suas origens religiosas a partir de dois grandes reinos africanos tradicionais:

- ◆ Ela é povo de Abomey - atual Benin
- ◆ Ela é povo de Yorubá - atual Nigéria

Seus caminhos passam por todos os Reinos que nascem e se recriam na história e na cultura da terra que vem das etnias que aqui se reuniram em torno de uma categorização que alguns denominam sudaneses e bantus.

Mãe Hilda é filha dos grandes Reinos, de todas as confluências, de todos os povos que vêm do Egito, do Sudão, da Etiópia, da Abissínia, da Eritreia, do Golfo do Benin, do Congo, de Angola, de Moçambique, Zimbabwe, Ghana e Mali.

EM SÍNTESE: MÃE HILDA É FILHA DE OBALUAIYÊ E OXUM

Mãe Hilda é filha de Obaluaiyê, que vem do reino de Abomey, lá do Dahomé, rei do povo Ewé, que vem de Savalu e fala a língua Fon.

Mãe Hilda tem a proteção de Oxum, que juntamente com o velho Obaluaiyê tem a presidência da sua cabeça — seu Ori. Oxum vem do Reino Yorubá, que nasce no Golfo do Benin, hoje República da Nigéria.

É da confluência desses reinos, destes povos, destas linguagens concretas e simbólicas que nascem os lugares sagrados a exemplo de Tombuctu, Abeokutá, Zimbabwe,

Ketu, Calhari, Ifé e Djené. Lugares guardiões da tradição africana, ainda hoje preservada em muitos de seus aspectos e entre muitos de seus povos que reúnem o mais nobre da grandeza africana: o pensamento e o sentimento, geradores da sabedoria milenar, que vem dos nossos ancestrais e antepassados.

A vida de Mãe Hilda é guiada por essa sabedoria no seu dia-a-dia. Ela participa do gênio da civilização e da cultura africana e transmite em forma de testemunho, de exemplo e de lições de vida em profundidade os conhecimentos que ela repassa com alegria e responsabilidade.

Mãe Hilda tem a arte da palavra e a arte do pensamento, que ela articula nos momentos de formação, de apoio, de orientação e de aprendizagem.

É ela

(Valmir Brito e Alberto Pitta)

É ela, é ela, é ela
A flor de Mãe Hilda é mais bela
É ela
É ela, é ela, é ela
O amor de mãe que te espera
Iyalorixá Jitolu Pai Olorum modudê
Iyalorixá Jitolu, axé Iyalorixá Jitolu
O amor de mãe que fascina
Me ensina mãe
Me ensina, me ilumina
É exemplo de vida
O Ilê nos convida
Feliz, vou cantar
Parabéns pra você
E na Liberdade
Fez a mocidade descobrir
No seu mundo, prazer
E a arte a história
Da gente não cabem nas mãos
Nascido além do ventre livre
Vovô do Ilê fez a revolução
E a história da gente
Não há nada que possa apagar
E na passarela
É o povo que espera
Na lente do mundo
O Ilê desfilar
E na passarela
É o povo que espera
Na lente do mundo
Ilê Aiyê passar

02

A família de santo de origem de Mãe Hilda: Mãe Tança do terreiro Cacunda de Yayá

Seu primeiro ritual de iniciação foi realizado por Cassiano Manoel Lima, da Nação Jêje-Marin, e por ocasião da passagem de seu primeiro Pai de Santo, do Hé ao Orun, Mãe Hilda passa aos cuidados espirituais da Iyalorixá Constância da Rocha Pires - Mãe Tança -, cuja Dígina era Ajau-ci, filha de Nanã, Iyalorixá do Terreiro Cacunda de Yayá, que vem de Santo Amaro da Purificação. Com Mãe Tança, Mãe Hilda faz todas as suas obrigações na Nação Jêje, incluindo o Deká - poderes de Iyalorixá, Mãe de Santo.

Seu Terreiro de origem é, portanto, Cacunda de Yayá. O Terreiro de origem de Mãe Hilda, com a passagem de Mãe Tança, tem continua-

de com a Iyalorixá Maria Pires Cerqueira, filha de Oxum, iniciada por Mãe Tança, cuja Digina era Ominique, tendo como Pegigan Pedro Alcântara Rocha, o popular Pedrinho, filho de Ogum, agraciado com a Digina Ogum Leic.

Mãe Hilda tem todas as suas obrigações religiosas, incluindo as obrigações de cinquenta anos de santo, realizadas no ritual de sua iniciação.

As obrigações de Candomblé que dão ênfase ao seu status religioso na tradição africana são reconhecidas socialmente pelos títulos civis que recebe através de Medalhas de Ouro e de Honra: Medalha Dois de Julho da Prefeitura do Salvador e Medalha Zumbi dos Palmares.

Mãe Hilda recebeu a Medalha Zumbi dos Palmares porque, a partir de 1981, ela viajou a Serra da Barriga para fazer as obrigações de Zumbi dos Palmares. “Fui porque o homem era de Santo. Zumbi era filho de Ogum. Eu fui fazer umas oferendas, ‘arriar’ pela parte de Egum, Babá Egum, essas oferendas que se faz quando ‘vai’ um ser da parte da religião. É claro que não precisava mais obrigação de “Axexê”, mas enquanto as coisas necessárias para arriar e rogar por esse homem, que foi uma grande figura, e que hoje em dia é um Babá, com muita força e muita energia, trabalhando para os negros que estão no mundo. Fui a convite do Deputado Abdias do Nascimento, do Senhor Olímpio Serra e do Senhor Ordep, e só retornei lá em 1995, durante as comemorações do evento Zumbi - 300 anos”.



A trajetória religiosa de Mãe Hilda e sua história de vida

A trajetória religiosa de Mãe Hilda é a vida cotidiana na qual tudo se inspira, nos ensinamentos, na fé e na transmissão da espiritualidade e da religiosidade.

Mãe Hilda nasceu no bairro de Brotas, na Quinta das Beatas, hoje Cosme de Farias.

Viveu com seus pais na Quinta das Beatas, depois se mudaram para Cidade Nova e, em 1936, a família chega ao Curuzu. Aí cresceu, tornou-se conhecida e casou-se com o Senhor Waldemar Benvindo dos Santos. Tiveram seis filhos, dos quais quatro estão vivos e em sua companhia. Antonio Carlos Vovô, Dete, Vivaldo e Hildelice. Todos são de Candomblé. Aprenderam desde criança a conviver com a realidade. Desde cedo viam, ouviam e acompanhavam os rituais. O Senhor Waldemar frequentava, acreditava e tinha muito respeito pelo Candomblé.

Comando doce

(Juraci Tavares – Luís Bacalhau – Ulisses Castro)

Nigéria, Abeokutá, Brotas
Brotas com muito encanto
Hilda Dias dos Santos
Ano vinte e três com altivez
Quinta das Beatas pro Curuzu
Flor bela abriu nossas janelas
Escola Jitolu, Ilê Aiyê, Band'Erê,
Terreiro jêje-nagô Jitolu
Casa própria de Orixá e vodum, oh! Mãe
Obaluaiyê, Oxum, Ilê Aiyê
Trindade cheia, homenageia
Tronco central além
Carnaval História viva, Curuzu,
Mãe Hilda Jitolu, oh! Mãe
Ojá, pano da costa, saia meiga, seda
Mãe Hilda mão das raízes infindas
Ancestralidade viva, octogenária
Joia rara, antiga-contemporânea
Guardiã, nobre, herança africana, oh! Mãe
Iyá Hilda Jitolu, Obaluaiyê, Candomblé
Meu tripé minha Mãe Hilda adupé
Meu Terreiro Jitolu adupé
Adupé, Obaluaiyê, xirê
Meus trinta anos, Ilê Aiyê

A família biológica de Mãe Hilda é uma família de candomblé

O PRIMEIRO FILHO

Antônio Carlos dos Santos Vovô, Presidente e fundador do Ilê Aiyê, filho de Oxalá, Ogan de Obaluaiyê

“Eu tenho uma vantagem sobre a maioria dos filhos de famílias negras da Bahia. Pois sempre soube ser um descendente da Família Negra de “Lá”.

“Sempre fui orientado a procurar ser sempre melhor em todos os sentidos, pois negro sempre é vilão, e eles nunca se preocupam conosco, e por isso faço minha parte e tenho tanto orgulho dessa minha formação de categoria em negritude”.

“Obrigado Mãe, por ter formado esse produto que mudou a cara e a cabeça da Bahia”. ANTÔNIO CARLOS VOVÔ – ILÊ AIYÊ

A SEGUNDA FILHA

Hildete Santos Lima, Diretora fundadora do Ilê Aiyê, artista plástica, criou trançados, turbantes, amarrações, figurinos, cortejos e coreografias. São estes símbolos, signos que constituem a imagem artística e cultural do Ilê Aiyê, formando parte do conjunto: imagem, ritmo, ijexá e canto negro originais, criados por todos os fundadores do **Ilê Aiyê**.

Dete Lima é Ekedí de Oxum no Ilê Axé Jitolu.

O TERCEIRO FILHO

Vivaldo Benvindo dos Santos. Diretor do Ilê, ao lado do Presidente e Vice-Presidente do Bloco, tem a função de coordenação das ações artísticas e culturais do bloco.

Vivaldo é Ogan do Ilê Axé Jitolu, filho de Logum Edé.

A QUARTA FILHA

Em 2003, Mãe Hilda perdeu a sua filha Hildemária Georgina dos Santos. Ela estudou no Rio de Janeiro. Foi fundadora da Escola Mãe Hilda e funcionária pública. Filha de Oxossi do Ilê Axé Jitolu, confirmada Iyalorixá, recebeu Deká no ano 2002 com a orientação de Mãe Hilda.

A QUINTA FILHA

Hildelice Benta dos Santos é professora, diretora e fundadora da Escola Mãe Hilda. Filha de Oxalá, cumpriu obrigação ritual de sete anos no Ilê Axé Jitolu no dia 05 de julho de 2003.

Seguindo estas trajetórias, os filhos e as filhas de Mãe Hilda que participavam pouco a pouco do Candomblé foram se tornando Ekedí, Ogans, Filhas de Santo e Mãe de Santo. Todos iniciados, confirmados e com suas obrigações realizadas para Obaluaiyê, Oxum, Oxalá, Logum Edé e Oxossi.

Mãe Hilda e as sociedades femininas ancestrais

Mãe Hilda recebeu das Sociedades Femininas Africanas o legado e o direito de preparar-se para ser Mãe Espiritual, Estrela Guia, Iyalorixá. Ela foi escolhida para ser seguidora e guardiã da herança africana de nossas Mães ancestrais:

- ◆ **Mawu** Mãe de todos os Voduns
- ◆ **Ezeli** Mãe de filhas guerreiras e filhos guerreiros
- ◆ **Nzamê, Maberê, Kuabá** que reúnem-se para idealizar a figura masculina para lhes fazer companhia.
- ◆ **Nassissimos** olhos da alma, o ponto brilhante do fundo do olho.
- ◆ **Bongué** cuja alma é Nassissim
- ◆ **Nyame** o lado feminino da divindade Akan

- ◆ **Wagadu** aquela que permanecerá viva. Os alaúdes do SAHEL cantam para ela.
- ◆ **Nzambi** entidade maior dos Bakongos
- ◆ **Nalunga** entidade maior dos Bassongas
- ◆ **Kilemdé** árvore da vida dos bantus
- ◆ **Geledés** Sociedade secreta de mulheres do Reino Yorubá

Estas divindades femininas existem desde que o mundo é mundo. Elas vêm de todos os horizontes e são eleitas estrelas guias de todos os lugares, onde são identificadas pelo seu direito e destino de serem mães.

É delas que Mãe Hilda recebe valores, crenças para continuar a tradição entre mitos e rituais, entre celebrações de contos, lendas e mistérios que falam da vida de antigamente quando reis, rainhas, chefes tradicionais, griots, babalaows, viviam entre seus povos e lhes ensinavam a viver e guardar a tradição.

Mãe Hilda é síntese de todas essas categorias. Ela foi iniciada aos vinte anos de idade, e depois constituiu sua família de Santo. Criou seu Terreiro. Dezesesseis anos depois, o tempo que durou seu aprendizado de iniciação e seu tempo de obrigações, ela recebeu o DEKÁ.

Sua primeira iniciação começou no mês de outubro e ela recebeu o nome Jitolu dia 24 de dezembro de 1942.

03 **A força da palavra e ações rituais de Mãe Hilda**

Pepelê, Ronkó, Camarinha e Casa de Caboclo são templos sagrados transformados, construídos por palavras, gestos, cantos e celebrações realizados, coordenados e orientados pelos saberes, pela fé e tradição que Mãe Hilda carrega com ela desde seus vinte anos de idade, quando ela entra para ser iniciada.

Todas essas mitologias e ritualidades transparecem na liturgia que se apresenta no Barracão do Ilê Axé Jitolu com a entrada triunfal do cortejo de Derés, Ogans, filhas e filhos de Santo, no ritmo do xexerê de Mãe Hilda com seu passo jêje-nagô, louvando a todos os Voduns, anunciando as celebrações rituais, que vão ser

realizadas publicamente, após longos dias de preparação, entre rezas, cantigas e ações de purificação para que o vodum homenageado tudo receba com aprovação e alegria.



Seu Deká - sua genealogia de mãe espiritual Iyalorixá

Mãe Hilda recebeu Deká que lhe deu o direito de ser Mãe de Santo, Iyalorixá, o mesmo que Nengua, Rumbona ou Guaiacu. Mãe Hilda tem no Terreiro sua segunda pessoa, a Iyakekerê, ou Mãe Pequena da casa Mãe Mariá.

O seu Terreiro, que nasceu depois que ela recebeu o Deká, tem o nome de Axé Jitolu em homenagem ao nome do Pai e do nome que recebeu na sua iniciação.

Hoje, o Terreiro tem uma Sociedade Civil denominada Sociedade dos Filhos de São Lázaro.

Entre o Terreiro e a Sociedade, Mãe Hilda tem a casa cheia. Ela reúne ao longo de sua trajetória de vida e religiosidade:

- ◆ Filhas e filhos de santos - além de filhas e filhos que fazem Bori, fazem obrigações aqui ou em suas “casas novas” que correspondem às casas de filhas de Mãe Hilda, que recebem o Deká, dado por ela com a bênção e proteção da Mãe de Santo e dos Voduns abrem seus próprios Terreiros, sempre filiados à sua casa de origem, o Ilê Axé Jitolu que lhe dá a referência de sua linhagem na ancestralidade africana. Já são cinquenta filhas (os) de Santo.
 - ◆ Ogans suspensos e confirmados
 - ◆ Ekedis ou Derés suspensas e confirmadas.
 - ◆ As principais celebrações rituais que constituem seu calendário fixo:
 - ◆ Águas de Oxalá - em janeiro
 - ◆ Festa de Obaluaiyê - dia 16 de agosto
 - ◆ Festa do Caboclo Tupiassu - dia 07 setembro
- Mãe Hilda relembra músicas que se referem ao Curuzu,

ao Ilê Axé Jitolu, ao Ilê Aiyê. Ela aprecia e relembra as letras destas músicas que a homenageiam.

Neguinho do Samba afirmou certa vez: “aprendi a tocar no Candomblé de Dona Hilda”.

Mãe Hilda transmite em cada gesto seu um exemplo, uma lição, uma curiosidade. Ela ensina sempre pelo seu testemunho de vida. Ela tem o charme, o encantamento de uma pessoa poderosa, virtuosa, de talento, de fé, de uma educadora.

Ela disse que o Ilê Aiyê e o Jitolu são uma casa de cultura. O trabalho de Mãe Hilda cria bem, o bem-estar, a saúde, a prosperidade, a espiritualidade e dá vida, esperança, segurança e confiança. Mãe Hilda testemunha cada passo que a Religião Africana, dos Orixás, Inquinces, Voduns, Caboclos e Eguns dão, e só leva a pessoa a crescer, a nascer de novo e a se fortalecer para a vida num outro patamar, no nível mais alto de suas potencialidades.

Matriarca do curuzu

(Paulo Natividade)

Mona odara Mãe Hilda Jitolu
Filha de Obaluaiyê
Junto com Oxum
É Jitolu, Jitolu
Jitolu Olorum Mossifu
É..... Jitolu Motumbá Mokuiú
Matriarca do Curuzu,
Mãe, Mãe Hilda Jitolu
Patriarca Ilê Aiyê
Vem saudar você
Estrela guia, desde os tempos de criança
Lá na Quinta das Beatas
Ao Terreiro de Mãe Tança
No Cacunda de Yayá,
Onde tudo começou,
Mãe Hilda tirou Roncó,
Quando era Yao
O seu babalorixá foi do Aiyê ao Orun
Mãe Tança Ajauci, assume o seu ori
Faz todas as obrigações, inclusive o Deká
Na nação Jêje recebe os poderes de Iyalorixá
Ekedis Macotas
No desfile do Ilê,
Tem ogans e abians, derés e akekerês
Nossa guardiã da fé, de tradição africana
Vai fazer agrossi em prol de toda raça humana

04 **Religiosidade no Ilê Aiyê**

No Ilê Aiyê ela é a Mãe Maior, inspiradora, diretora, conselheira e apoio em todas as horas, desde a decisão do seu filho mais velho Antônio Carlos dos Santos Vovô, que juntamente com Apolônio de Jesus, criou um Bloco-Afro. Ela participa da escolha do nome do Bloco Ilê Aiyê – Casa de Negros e ela aprova a escolha de todos.

O Ilê Aiyê nasce dentro do Terreiro de Mãe Hilda, no Ilê Axé Jitolu, e ali permanece durante longos anos. Na casa de Mãe Hilda, nasce e se estrutura o Ilê Aiyê por mais de 20 anos: Diretoria, Secretaria, Salão de Costura, recepção de associados e entrega de fantasias.

É neste mesmo espaço que nasce e funciona

a Escola Mãe Hilda, a Band'Erê, o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, o convênio com o Projeto Axé, a celebração do convênio com o Extra. Tudo o que antecede à criação da Sede do Ilê Aiyê se realiza com sua benção e seu apoio, incluindo seu próprio trabalho cotidiano.

A saída do Ilê Aiyê

É principalmente uma celebração religiosa de candomblé no Ilê Aiyê.

A Diretoria foi preparada por um ritual de purificação. As filhas de Santo, Derés, Ekedis e Ogans preparam, sob a orientação espiritual de Mãe Hilda, todos os objetos rituais necessários ao momento solene.

A bateria composta de mais de cem percussionistas prostra-se num ato cultural-religioso, com seus tambores e agogôs tocando o Ijexá, recebendo os associados, os convidados, representações políticas, imprensa, artistas locais, nacionais, internacionais e gente do mundo inteiro.

Todos esperam o que Olorum desceu para ver o Ilê passar, o pioneiro, o mais belo dos belos, sobrado – terreiro.

A hora é chegada, Mãe Hilda chega, sacada de sua residência ex-sede do Ilê, acompanhada de um cortejo real de filhas de Santo, ostentando bacias de milho branco, pipoca e o que mais for necessário.

Ela e seu séquito saem rompendo a multidão de milhares de pessoas e abençoando o povo todo: os músicos percussionistas, a ala de canto, o grupo de dança, os carros com suas alegorias, a RAINHA, as ex-rainhas, os associados e convidados.

Ao retornar dessa celebração ritual da benção, distribuindo Axé e força vital que unifica e fortalece a toda a co-

munidade, ela vai à sacada e, em companhia do Presidente, da Diretoria, da Rainha e de convidados especiais, realiza a Revoada dos Pombos em Sinal de Paz, pedindo paz. A bateria retoma o toque dos tambores, a ala de canto assume seu posto, e começa o desfile que vai a pé, da saída do Curuzu — da Senzala do Barro Preto — até a Liberdade.

São quilômetros e quilômetros de percurso, formando uma coreografia singular com as cores do bloco: vermelho, amarelo, branco e preto, vistas em turbantes, amarrações, ritmo ijexá, canto negro, dança ijexá e nas alegorias do carro da Rainha.

Maravilha negra

(Valter Farias e Adailton Poesia)

África, ventre fértil do mundo
Foi quem gerou o Ilê Aiyê
Existe um pedaço de nós
Dentro de você Ilê
Ainda me lembro Ilê
Do seu primeiro Carnaval
Eram uns cem crioulos
De cabelos black power
Aquela maravilha negra
Todos vestidos de canga
E a gente admirava
Essa entidade africana
Ilê Aiyê
São trinta anos de glórias
Vou seguindo nessa trajetória
E venho saudando Mãe Preta Hilda Jitolu
Junto com a comunidade Liberdade - Curuzu
Atabaques vão bater
Anunciando essa festa
Hoje a Bahia te abraça
E canta pra você Ilê
Parabéns pra você Ilê Aiyê
Parabéns pra você Ilê Aiyê
Tu és o mais belo dos belos
O mais querido é você Ilê

05

A escola Mãe Hilda e sua inspiração no candomblé: uma continuidade da tradição africana

A Escola Mãe Hilda, idealizada e criada por ela desde 1988, é uma continuidade de seu trabalho. Lá, ela é a educadora e a Diretora da Escola, que exerce suas funções articulando os saberes de suas escolas tradicionais: a educação de seus pais, desde a Quinta das Beatas e até o Curuzu. A formação de sua Mãe de Santo, Mãe Tança no Cacunda de Yayá; a convivência com seus parentes, amigos e amigas; Mãe Maria, sua lyakekerê e suas vizinhas.

Na vida de Mãe Hilda, tudo se entrelaça: Família, Terreiro, Escola, Comunidade, ética, religião, educação, direitos humanos, solidarie-

dade, cidadania, auto-estima e orgulho de ser negra com toda dignidade.

Mãe Hilda convive com muitas personalidades do mundo social, do mundo político, do mundo negro, incluindo personalidades religiosas brasileiras, africanos, afro-americanos, Ministros de Estado, Embaixadores de países africanos, artistas consagrados nacional e internacionalmente, professores, cidadãs e cidadãos.

As crianças da Escola Mãe Hilda, as professoras, facilitadoras de aprendizagem, sabem que a diretora-fundadora é uma Iyalorixá, e que a Escola funcionou, por muito tempo, em um Terreiro. Sabem que em um Terreiro se celebram festas em homenagem aos Voduns e aos Caboclos; sabem que na casa onde funcionou a Escola tem altares, tem templos de Voduns e Caboclos. Sabem quem é Obaluaiyê, quem é Oxum, quem é Oxalá, quem é Oxossi, quem é Logun Edé, quem é Iansã, quem é Yemanjá - Mãe de todos os Orixás e Voduns.

Mãe Hilda é escola de vida

Mãe Hilda faz Escola no cotidiano.

Mãe Hilda faz escola no seio do Ilê Axé Jitolu. No seio do Ilê Aiyê.

Mãe Hilda criou uma Escola, a Escola Mãe Hilda onde é educadora, patrona e diretora.

Mãe de quatro filhos vivos - duas filhas e dois filhos que são de Candomblé.

Mãe de santo, tem filhas e filhos de santo, Ogans, Derés, Egbomes e Iyawôs

Mãe Espiritual do Ilê Aiyê

Patrona da Band'Erê

Conselheira da Band'Aiyê

Mãe, amiga, conselheira da Sociedade Baiana. Ouvida, respeitada, seguida por muitos, sua voz firme, calma, serena, ativa, macia, forte, simples, sábia: a gente bebe na fonte de suas palavras.

Ela guia sempre, orienta quando não pretende.

Ela sinaliza às vezes em parábolas.

Mãe Hilda é profundamente contemporânea e visceralmente tradicional, guardiã da herança africana.

Mãe Hilda recria em cada obrigação que realiza:

- ◆ O sentido do sagrado, seus mistérios e seus segredos
- ◆ O valor do humano negro
- ◆ O sentido dos valores espirituais africanos e afro-brasileiros

Ela cria em seu Terreiro objetos sagrados.

Ela consagra pessoas e as torna espiritualmente:

- ◆ Representações legítimas dos Voduns
- ◆ Guardiãs de novos templos, novos Terreiros
- ◆ Novos Ilês, novos Axés, Novas casas de Caboclos
- ◆ Novos Pegis, Novos Pepelês, Novos Ronkós, Novos Tabuleiros de Ifá.

Uma nova IYAWÔ, uma nova EGBOME, um novo OGAN, uma nova DERÉ são pessoas negras que se transformam, se remodelam, se completam, se redescobrem na plenitude do valor que a própria pessoa tem, e devem assumir-se, reconhecer-se, valorizar-se, confiando na sua Mãe de Santo, que realiza a intermediação, o traço de união entre ela ou ele e o seu Vodun - seu guia, seu modelo, sua referência negra.

É nesse processo que Mãe Hilda é mestra: ela tem o poder da força que anima a pessoa a crescer, a ter fé, a ter confiança na vida, sem medo da felicidade que a própria pessoa pode construir.

No Terreiro de Mãe Hilda tudo tem brilho, esplendor e força que se manifesta:

- ◆ Na beleza da configuração do espaço: Barracão
- ◆ Na afinação do canto Ofé Iré, Ofé Iré, Ofé
- ◆ Na precisão do ritmo jêje-nagô
- ◆ Na coreografia dos passos de cada Vodunci
- ◆ Nas representações dos símbolos sagrados, que representam os ancestrais africanos e os antepassados brasileiros/nacionais, na decoração do Barracão, dos Pagés e dos Pepelés.

06

Uma tentativa de síntese entre o pensamento africano e a trajetória de Mãe Hilda

Há um sistema de pensamento que inspira a religião africana no qual Mãe Hilda acredita, que se formou a si própria e forma as pessoas que chegam perto dela.

Este sistema de pensamento africano envolve a vida em todas as suas dimensões:

- ◆ A Fé.
- ◆ A maneira de se relacionar com o sobrenatural, com outras dimensões da existência humana e com a natureza.
- ◆ A sabedoria dos ancestrais e dos antepassados.
- ◆ A inteligência para saber ler os acontecimentos e distinguir o bem e o mal.
- ◆ A coragem para descobrir suas próprias potencialidades — suas competências, seus valores, sua dignidade sendo negro.
- ◆ A força para enfrentar a vida cotidiana e ter confiança que a proteção dos Orixás, Inquinces, Voduns e Caboclos vai nos apoiar e nos orientar.
- ◆ A segurança no relacionamento com as heranças dos nossos antepassados, dos nossos ancestrais, o que significa ter firmeza na prática e no cultivo de nossos princípios, nossos valores, nossas lições, nossas experiências.

Uma referência pessoal nas palavras da própria Mãe Hilda

“Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé e pratico a tradição do Candomblé”

“Sempre trabalhei e sempre tive muito gosto para me arrumar. Para casamentos e batizados, me vestia com roupa de festa e usava chapéus. Sempre trabalhei muito, mas nunca deixei de cuidar de minha vestimenta”.

“Minha casa sempre foi frequentada, o que considero herança de minha Mãe. Ela gostava de ajudar as pessoas, a nossa casa sempre foi uma casa cheia de gente comendo e

bebendo. Minha Mãe gostava de festa de sala e no fundo do quintal tinha samba, do que ela gostava muito. Assim, minha vida sempre foi uma herança do passado”.

“Portas abertas dando apoio, vem da raiz. A gente que tem um princípio, esse princípio tem que brotar. Vem de minha Mãe”.

Nesse contexto Mãe Hilda destaca: a criação do Ilê Aiyê é uma continuidade de trabalho que ela sempre realizou a partir do seu Terreiro.

Ilê gosto de quero mais

(Silvio Almeida e Davizinha)

Quando o Ilê Aiyê desfilou na avenida
Quero poder novamente sentir a emoção
Feliz da vida vou ficar, feliz da vida
Quando o Ilê Aiyê desfilou na avenida
E desfilaremos sob essa linda chuva de papel
Agradeceremos a esta homenagem com as mãos para o céu
Com esta negrada que é simplesmente uma coisa gostosa
Por onde passa espalha no ar um perfume de rosa
Ginga, ginga, vem gingar
Vou gingar pra você aprender
Ginga, ginga, vem gingar
O gingado do Ilê Aiyê
Vem brincar no Ilê, amor
Que o Ilê é gostoso demais
Vem provar do sabor que depois vai sentir
Gosto de quero mais
Por toda comunidade criança de trança
Já sabe o que quer
Preservar nossa entidade
E toda cultura com a força do axé
Todo sonho de menino
É tocar na Band'Aiyê
Todo sonho de menina
É ser Deusa Negra do Ilê
Vem brincar no Ilê amor
Que o Ilê é gostoso demais
Vem provar do sabor que depois vai sentir
Gosto de quero mais

07

Mãe Hilda Jitolu: a matriarca de práticas pedagógicas

A maioria das sociedades de linhagem da África pré-colonial era matrilinear. Isso significa que esses agrupamentos humanos tinham as mulheres no poder. Quando um homem, de outra linhagem, pretendia desposar uma mulher desse tipo de linhagem, ele se mudava definitivamente para esta sociedade e passava a viver sob as regras deste novo grupo. A preferência era que o novo casal tivesse filhos do sexo feminino, a fim de fortalecer a linhagem. Assim, sendo o território matrilocal, a sucessão era matrilinear e o poder era matriarcal.

Os rituais de iniciação, de passagem e cerimônias outras eram comandadas pelas mulhe-

res sacerdotisas, anciãs, guardiãs dos conhecimentos e segredos. A essa transmissão de conhecimento, podemos nominar de educação.

Existem várias lendas e fatos históricos que podem muito bem ilustrar o poder das mulheres nas sociedades africanas. Uma delas é a que se refere a uma sociedade secreta de mulheres, onde homens não podiam entrar. Um grupo de homens, curiosos para saber o que acontecia naquelas reuniões, resolveu se vestir de mulher e, disfarçados, conseguiram entrar e descobrir o segredo. Era uma sociedade religiosa.

Temos muitas heranças da tradição africana onde cabe à mulher a direção de vários segmentos. Desde o período pós-abolição, no Brasil, que as mulheres negras assumiram o posto de “cabeça do casal” e ainda hoje criam e educam seus filhos. Um dos exemplos mais fortes dessa herança é o fato da existência esmagadora de lyalorixás, em especial aqui na Bahia.

“Um Terreiro de Candomblé é uma casa de educação. Aqui é igual a uma escola”. MÃE HILDA

No mesmo espaço onde nasceu o Ilê Aiyê, em novembro de 1974, quatorze anos depois nascia a Escola Mãe Hilda.

Tudo começou em 1988, com pouco mais de cinco crianças que tinham dificuldades de aprendizagem e as mães buscaram a filha de Mãe Hilda para dar uma “banca”. Depois surgiram outras crianças evadidas da rede pública com históricos de bi-repetência e indisciplina, que não podiam mais ficar na escola pública. E correu rápido a notícia de que as “filhas de Mãe Hilda estavam ensinando, as crianças

aprendendo, e tinham até mudado o comportamento.” Um ano depois, já não havia cadeiras suficientes para acomodar as crianças.

Mãe Hilda, que sempre acreditou ser o seu Terreiro um espaço de educação formal, encorajou-se e pediu ao Secretário de Educação da época, Dr. Edvaldo Boaventura, algumas carteiras e equipamentos, mesmo usados, para atender àquela clientela. O seu pedido fora atendido e a Escola começou a funcionar no “barracão” das festas sagradas, com duas professoras no mesmo espaço, atendendo aos alunos de níveis diferenciados. Era uma classe “multisseriada”.

A liberação do espaço do Terreiro para o funcionamento da Escola Mãe Hilda foi através de um ritual comandado pela Iyalorixá Jitolu, acompanhada dos filhos de Santo da casa. Neste ritual, rezado e cantado, Mãe Hilda pedia permissão aos orixás da casa que abençoassem mais uma missão que lhe cabia.

Mãe Hilda acredita e afirma que um Terreiro de Candomblé é uma Escola, onde os iniciados aprendem a conviver na irmandade e solidariedade, vivenciando o aprendizado de uma religião que, apesar de não ter o registro escrito, usa a tradição oral e o aprender vendo e fazendo.

Homenagem às mães pretas do brasil

Produção coletiva dos alunos da 2ª Série, da Escola Mãe Hilda, durante as comemorações do Dia da Mãe Preta - 28/09/2001

Mãe Hilda
Mãe Preta do Brasil
Sabe acalantar
Sabe aconselhar
Sabe qual a comida dos orixás
Cuida de tudo com carinho
Dos filhos que amamentou
E dos que não amamentou também
Cuida da fé
Cuida da religião
Cuida do negro
Para que seja
Um bom cidadão
Que as mães pretas
Sejam parecidas com Mãe Hilda
Nos acalitem
Nos aconselhem
Para sermos
Negros felizes no Brasil

As influências do terreiro sobre as crianças da escola Mãe Hilda

A relação entre o conjunto de filhos e filhas de um Terreiro é de muito respeito, disciplina e obediência. O respeito aos mais velhos no Santo, independente de idade cronológica; o respeito às crianças; os cumprimentos; a bênção; o respeito à natureza e ao seu semelhante; e o respeito a toda e qualquer religião são práticas do dia a dia dentro da comunidade de um Terreiro. Os alunos da Escola Mãe Hilda convivem com esses valores e aprendem a viver nesse espaço naturalmente, e começam a ter novas posturas ao assimilarem esses valores. Temos alunos de várias religiões na Escola, pois o que eles aprendem é a respeitar a religião do outro. Todos os alunos sabem que a Escola funciona no espaço sagrado do Terreiro, por isso eles não dizem palavrões, porque não ouvem ninguém dizer. Essa “nova” postura das crianças tem refletido de forma positiva na família destas, segundo os depoimentos da maioria das mães.

A comunidade da Liberdade tem como referência maior o Ilê Aiyê. E para nossa surpresa, as crianças da Escola sabem as músicas do Bloco.

A partir daí, foi constatado que o Ilê era a grande motivação das crianças. Por isso elas buscavam tanto a escola, assim elas estariam mais próximas do alimento farto, do carinho, do respeito e da solidariedade que são as práticas do Terreiro e da música e do toque que é a cultura do Ilê. As cores, o ritmo e a música lhes davam alegria, prazer e felicidade.

A proposta pedagógica

Passou-se a usar a música do Ilê como instrumento/ferramenta para o trabalho com as crianças. As músicas passa-

ram de uma atividade do simples “cantar para motivar” ou para a “recreação” para ser a “lição” do dia, onde se podia interdisciplinarizar à vontade.

Na Escola Mãe Hilda, não se ensina a religião do Candomblé. Na Escola, os alunos aprendem acerca dos orixás, suas comidas, suas lendas e histórias, seus animais preferidos. O que é possível ser ensinado e esclarecido, as professoras ou até mesmo Mãe Hilda explicam. O sagrado e o segredo, segundo afirma a Iyalorixá, é restrito aos iniciados. “Candomblé não se ensina, vivencia-se”: é o que Mãe Hilda sempre afirma. Ela diz ainda que religião é da responsabilidade da família e não da Escola. O papel da Escola, segundo ela, “é ensinar as crianças a respeitar toda e qualquer religião”.

Cinco anos após a criação da Escola Mãe Hilda, em 1992, é fundada a Band’Erê, com as bênçãos de Mãe Hilda, dedicada às crianças e aos erês.

Para ela, seria mais uma escola que tiraria as crianças — a garantia do futuro do Ilê — da rua e da faixa de risco.

Mas a condição para participar desse aprendizado era a criança ou o jovem estar estudando numa escola formal da rede pública. As crianças da Band’Erê, além de aprenderem a tocar percussão, dançar e cantar, têm aulas de cidadania e história das tradições africanas. Aprendem, através das lendas e narrativas dos educadores — a maior parte deles, filhos de Santo — a história dos orixás e a história de luta do povo negro no Brasil. Todas essas ações são acompanhadas carinhosamente por Mãe Hilda, sempre atenta e presente na Band’Erê. A prática pedagógica da Escola Mãe Hilda foi absorvida pela Band’Erê, onde as dificuldades de leitura e escrita foram minimizadas através da leitura das letras das músicas.

Quando falamos de uma prática pedagógica ancestral, nos referimos a uma transmissão de conhecimentos de mão dupla. Quando o educador e o educando se respeitam, o discípulo é o sujeito da história. A pedagogia do Terreiro nada mais é do que o conjunto de práticas educativas de vida das sociedades africanas da África pré-colonial. Temos dificuldades de compreender como eram as sociedades primitivas enquanto organização social. O político, o cultural, o econômico, o religioso e o social estavam imbricados. O mesmo também acontece com as sociedades indígenas. A hora de pescar ou caçar é sempre antecedida de rituais de permissão, cantados e/ou dançados. É o trabalho e a religião juntos.

Nos foi imposto pela cultura europeia um pensar e um agir compartimentalizados, que exigem a existência de hora e local adequados e determinados para cada coisa. Assim, o indivíduo nunca é total, inteiro - ele é cortado em pedaços. O pensar africano é inteiro, integral. E é nessa educação que acreditamos. É a educação do Terreiro do Candomblé: humana, solidária e inacabada.

O Ilê Aiyê, por ter nascido dentro do Ilê Axé Jitolu, herdou esses valores e, ao longo de três décadas, tem tentado honrar essa herança. A Escola Mãe Hilda e a Band'Erê herdaram os valores do Terreiro, atrelando-os à ludicidade cultural do Ilê Aiyê. Assim, todas as iniciativas da "Senzala do Barro Preto", com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, têm uma trajetória de sucesso.

A pedagogia da Escola Mãe Hilda e da Band'Erê, fortalecida pelas canções, ritmo e cores do Ilê Aiyê, invade as escolas públicas do Curuzu e da Liberdade. O PEP — Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê —, criado em 1995, logo

de saída, contou com o patrocínio financeiro, acompanhamento e avaliação da Fundação Odebrecht, além da aquisição da SEC e SMEC.

O Projeto visava ampliar e sistematizar para as escolas da Liberdade as ações educacionais que o Ilê já realizava desde a sua fundação, além das práticas pedagógicas da Escola Mãe Hilda e da Band'Erê. O Projeto inicialmente envolveu as escolas Tereza Conceição Menezes, Celina e Duque de Caxias, da rede pública estadual, e o Abrigo dos Filhos do Povo, da rede pública municipal. Mais uma vez, Mãe Hilda abriu as portas do seu Terreiro para abrigar professores, coordenadores e diretores das referidas escolas para terem uma formação acerca da História e da cultura afro-brasileira e desenvolverem o pensamento crítico sobre questões como etnia, pluralidade cultural e análise do livro didático.

Enquanto este grupo de educadores era formado na "Academia do Terreiro", crianças e adolescentes das escolas envolvidas, sob a direção dos monitores do Ilê, participavam de oficinas de dança, percussão, trançados e amarrações no corpo e na cabeça. A mobilização dos estudantes daquelas escolas também se deu através de concursos artístico-literários nos quais os alunos eram estimulados a produzir poesias, redações e desenhos sobre temas ligados ao Projeto.

Atualmente, o Projeto de Extensão Pedagógica atua além do âmbito da Liberdade e já atingiu as escolas de outros bairros da cidade.

O compromisso e as preocupações de Mãe Hilda com o bem-estar da comunidade negra no plano espiritual, social, cultural e educacional faz dela a Guardiã da Tradição Africana.



Guardiã da beleza negra

(Jucka Maneiro – Roberto Cruz – Sandoval)

Estrela guia
Dona da sabedoria
Da tradição, da religiosidade
Solidifica, multiplica
Essa herança africana
Dando origem à ancestralidade
És guardiã da beleza negra
A mente sã de Abomey e Yorubá
Analisa, consolida
Mãe Preta
O Ilê Aiyê vem te abençoar
Mãe matriarca
De ternura, graça e beleza
Transformou todos os espinhos em flor
Na trajetória da maternidade
A igualdade pela negra cor
No ritmo xexerê
No passo jêje nagô
Venha dançar com o Ilê Aiyê
Como Mãe Preta ensinou
Ilê colorido da vida
Canto de joia maior
Axé Jitolu Mãe Hilda, de Oyó
Fecunda a prosperidade
Em meras canções de amor
Aos filhos amor e liberdade
Dos orixás protetor
No ritmo xexerê
No passo gegê nagô
Venha dançar com o Ilê Aiyê
Como Mãe Preta ensinou
Ilê colorido da vida
Canto de joia maior
Axé Jitolu Mãe Hilda, de Oyó

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

08

Mãe Hilda Jitolu - guardiã do quilombo da resistência e beleza

*O Ilê Aiyê sempre dedicou um
capítulo especial à mulher*

Pelo próprio fato de ter se estruturado sob a proteção espiritual de uma Iyalorixá e ter se orientado a partir de seus ensinamentos, o Ilê surge no Carnaval da Bahia com objetivos explícitos de valorizar a mulher negra numa sociedade que, historicamente, sempre quis oprimi-la.

Esta valorização vai acontecer em várias atividades do Ilê Aiyê, sendo que, no Carnaval, festa maior do povo negro brasileiro, esta valorização, além de ter grande expressão, também sintetiza todas as idéias do programa da entidade em relação à questão feminina.

Na tradição do Candomblé, vamos encontrar diversas divindades femininas que, com as suas energias, ajudaram a manter a luta do povo negro brasileiro. São por demais populares, na Bahia, entidades como Yansã, Yemanjá e Oxum. De Yansã, o povo negro herdou o seu caráter guerreiro.

De Yemanjá, o povo negro herdou a preocupação com a educação, o ensinamento dos passos corretos na vida, a sabedoria para enfrentar momentos difíceis. E, de Oxum, o povo negro herdou a capacidade de procriar, mesmo em momentos difíceis que tivemos — e temos ainda — aqui no Brasil, onde o racismo brasileiro opera no sentido, também, da nossa eliminação física. Essas três forças femininas, essas três energias, sem dúvida, ajudaram a construir os quilombos brasileiros e, também, o Ilê Aiyê. Principalmente porque o Ilê nasce no interior de um Terreiro de Candomblé, o Ilê Axé Jitolu, comandado por Mãe Hilda Jitolu.

Historicamente, como afirma a antropóloga Maria de Lourdes Siqueira, o contexto em que o Ilê Aiyê foi criado faz parte de diferentes manifestações de protesto social na África, nas Américas, no Brasil e na Bahia. Em Salvador, aumentam os Terreiros de Candomblé e, em 1974, nasce o Ilê Aiyê, ex-

plicitando a questão étnica no processo de afirmação de uma identidade cultural, de origem africana, reconstruída.

Então, se podemos afirmar que o Ilê Aiyê sempre dedicou um capítulo especial à mulher, é porque a entidade, desde o seu surgimento, já possuía compromissos com referenciais da ancestralidade africana. Compromissos estes assumidos por Mãe Hilda e seus Filhos de Santo, que mais tarde se estenderam para toda a Família Ilê Aiyê.

A mulher negra chefiando quilombos, articulando revoltas

Ao homenagearmos Mãe Hilda, líder maior do Ilê Aiyê, não podemos deixar de fazer referência à linhagem a que ela pertence.

Em se tratando da mulher, afirma a professora Arany Santana, nós negros temos uma referência forte acerca do seu papel, desde os mais remotos tempos de uma África milenar, quando na maioria das sociedades tradicionais a mulher era o centro de tudo. Essas sociedades estavam calcadas no matriarcalismo. E o que significava a mulher estar no centro de tudo? Ontem, como hoje, temos exemplos de muitas mulheres que sempre lutaram contra a opressão em todas as sociedades. Não apenas lutaram, mas também foram lideranças. A Rainha Nginga em Angola, lutando contra os portugueses. Dandara e Aqualtune, no Quilombo de Palmares. E tantas e tantas mulheres, anônimas guerreiras que lutaram por um mundo melhor. Mãe Hilda pertence, também, a este tipo de linhagem. Ao proporcionar que do seu Terreiro surgisse um bloco afro com objetivos explícitos de combate ao racismo, em plena ditadura militar — e mais tarde, também, que do seu Terreiro surgissem várias ações

Mãe preta

(Jailson e Apolônio)

Mãe Preta
Trinta anos de fé
Dos quais destinados
Ao culto do Candomblé
Eua colonaê didewá nagô
Agó agolonã
Eki maior didewá nijeô



educativas —, sem dúvida, Mãe Hilda se alinha a uma tradição de mulheres lutadoras que não abriram mão de seus compromissos ancestrais oriundos das energias irradiadas por Iansã, Yemanjá e Oxum.

O Ilê Aiyê consolida e atualiza a homenagem à mãe preta

A data do 28 de setembro nos leva a um longínquo 1871, quando a elite branca e escravocrata brasileira decretou a chamada Lei do Ventre Livre. Esta lei foi uma das muitas feitas por esta elite para continuar lucrando com a escravidão dos africanos em nosso país. Ela tinha a ver, basicamente, com as mães escravizadas, crianças negras e famílias negras da época. A lei rezava que todas as crianças nascidas a partir daquela data, 28 de setembro de 1871, não poderiam mais serem escravizadas.

Segundo a historiadora Isabel Ferreira Reis, a violência do sistema escravista interferia de forma muito cruel na experiência de vida familiar e afetiva do negro submetido ao cativeiro. A possibilidade de crianças ingênuas — aquelas que nasceram depois da Lei do Ventre Livre — permanecerem com suas mães dependia, em grande medida, dos desejos e interesses senhoriais. Uma outra questão importante, segundo a historiadora, é que a Lei do Ventre Livre, não tendo previsto os casos de abuso, não declarava que seria punido o senhor que separasse a mãe do filho. E quanto a esses casos de abuso, a mãe africana não tinha meios de recorrer às autoridades para reclamar os seus direitos desrespeitados pela classe senhorial. Como ficou evidenciado, a despeito da lei, crianças ingênuas tiveram, quase sempre, seus destinos nas mãos dos senhores

ou ex-senhores de suas mães. Tal situação, certamente, se apresentou de forma muito mais precária no período anterior à Lei do Ventre Livre.

Em data mais recente, a União das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o 28 de setembro como o Dia Internacional do Aleitamento Materno, chamando a atenção do mundo para a importância do leite das mães para a saúde das crianças. Quando o Ilê Aiyê instituiu a Semana da Mãe Preta, a partir de 1979, foi para homenagear a Mãe mais importante do Bloco: Mãe Hilda. Ela, como Iyalorixá, simbolizava a Mãe guerreira em quem todos os associados do Bloco tinham fé e respeito. Era a Mãe que tudo fazia para que o Ilê Aiyê — seu grande filho — sempre tivesse sucesso em seus empreendimentos. Mãe Hilda continua alimentando com “leite bom” todos os nossos associados, dando-lhes educação e não deixando os seus filhos desamparados. É graças à iniciativa de Mãe Hilda que é criada no Curuzu, em 1988, uma escola comunitária que leva o seu nome. Entre outros objetivos, ensinar às crianças a respeitar o Candomblé era a missão da entidade. Mãe Hilda também ajuda a consolidar, no Ilê, uma escola de arte e educação — a Band’Erê, em 1992. Foram essas duas instâncias educativas que permitiram a criação, em 1995, do Projeto de Extensão Pedagógica. Como nós vemos, é o trabalho educativo da Iyalorixá Hilda de Jitolu que permite ao Bloco Ilê Aiyê ampliar suas ações educativas a milhares de crianças, adolescentes e adultos do Curuzu, Liberdade e outros bairros da Cidade do Salvador.

Mãe é isso. Não desampara. A Lei do Ventre Livre criada pelos racistas brasileiros desampararam as mães e as crianças negras. O Ilê Aiyê, ao instituir o Dia da Mãe Preta em 1979, homenageou a todas as mulheres negras,

mães ou não, que sempre lutaram contra o racismo brasileiro que permite o assassinato, ainda hoje, de centenas de crianças e jovens negros nas cidades brasileiras. Crianças e jovens assassinados pelas polícias militar e civil, pelas milícias paramilitares, por justiceiros e muitos outros agentes a serviço de uma ideologia que prega o extermínio da população negra no Brasil.

A festa da beleza negra

O texto sobre a Festa da Beleza Negra, aqui apresentado com pequenas modificações, é de autoria da Professora Rita Maia, que concluiu a sua tese de doutorado na UFBA sobre esta temática.

A festa nasce com o nome de “Festa da Mais Bela Crioula”, em 1979, e depois é denominada “Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê”. Nela, ocorre um concurso onde se escolhe a Deusa do Ébano, título criado a partir do sucesso musical do bloco:

Deusa do ébano

(Geraldo Lima)

Minha crioula
Eu vou cantar para você
Que estás tão linda
No meu Bloco Ilê Aiyê
Com suas tranças, muita originalidade
Pela avenida cheia de felicidade
Minha Deusa do Ébano
É Deusa do Ébano
É Deusa do Ébano
Todos os valores
De uma raça estão presentes
Na estrutura deste Bloco diferente
Por isto eu canto pelas ruas da cidade
Pra você minha crioula, minha cor, minhas verdades
Minha Deusa do Ébano
É Deusa do Ébano
É Deusa do Ébano

Este concurso foi idealizado por um membro da diretoria do bloco, Sérgio Roberto, pouco antes do início da década de 1980. Mesmo inspirado nos tradicionais concursos de Rainha do Carnaval e de Rainha do Fantoques da Euterpe, que eram alguns dos maiores e mais seletivos clubes carnavalescos da época, o concurso da Deusa do Ébano já objetivava a afirmação de uma estética própria, original, diferente de tudo o que já havia sido visto, e carregado de sinais legitimadores da negritude.

A festa começa a tomar a sua forma a partir dos desfiles de moda “transada” que ocorriam de forma espontânea e improvisada nos ensaios do bloco. A Festa é o espaço do prazer, da sedução e da juventude perfeitamente harmonizados com a atitude política de distinção, contestação e afirmação da negritude e da tradição. Foi assim que ela se constituiu desde o início, como uma reação à discriminação racial que ocorre em outros concursos oficiais e “oficiosos” como os corriqueiros de “Rainhas do Milho”, e uma afronta à idéia de “boa aparência” europeizante exigida no mercado de trabalho.

Estratégia estética de afirmação e de luta da negritude, a imagem da Deusa do Ébano ideal foi construída através de fotos e ilustrações de revistas internacionais onde apareciam princesas africanas trajadas ao modo tradicional, associadas ao uso dos tecidos, roupas e adereços do Candomblé. A Deusa do Ébano representa todas as mulheres negras e toda a beleza do seu cotidiano. Ela é bela e ela é mãe, é festiva e trabalhadora. É a encarnação de uma beleza que emana da “realidade da mulher negra”, dos seus traços fisionômicos, do jeito de parecer mundano ao jeito de ser cotidiano. A apreensão destes critérios e padrões de beleza estão estritamente relacionados a uma vivência específica, própria do bloco. A candidata à

Deusa do Ébano tem que ser uma mulher negra “canção de fogo”, “reluzente”, de “perfil azeviche”, “pretona”, que tem o “pé lavado”, e tudo isso seria mais ainda enfatizado pelo uso de uma maquiagem que ressalta os traços negros no rosto e no corpo, que vai do uso do batom vermelho vivo às roupas “transadas” (alternativas, com amarrações ou artesanal) com panos em cores vivas. Tudo isso deve ser complementado pelo conhecimento da história do negro e pela assimilação de um discurso coerente de negritude.

A escolha a que se submete uma candidata à Deusa do Ébano é determinada pela necessidade da manifestação do ideal de negritude e deve decorrer de modo espontâneo, autêntico, exemplar, máximo e absoluto, sem oportunidade para questionamentos. Uma Deusa do Ébano deverá inspirar dignidade, força e traduzir uma ancestralidade negra orgulhosa. Além de portar um forte sentido de família, sua personalidade deverá corresponder perfeitamente a uma projeção da personalidade do bloco.

A dança, compreendida como a capacidade de mostrar no corpo a assimilação de uma tradição negra, torna-se o critério definitivo para a escolha da Deusa do Ébano. A candidata denuncia nos gestos e na postura a existência, ou não, dos hábitos corporais advindos da vivência e da partilha da cultura negra, além de funcionar como o maior recurso para a sua aceitação pelo público e pelos jurados.

A dança, a roupa e a postura devem transmitir a altivez de uma rainha, pois é esse o seu papel ritual no bloco. A candidata a Deusa do Ébano deve transmitir um significado moral, político, religioso e, acima de tudo, inspirar respeito. Sua aparência nunca deve ser negligente, nem submissa ou desavergonhada. Ela deve encarnar a energia e o Axé do bloco.

“Este concurso é realizado no período das festas juninas nas escolas formais, e visa a escolha da rainha da festa, que tradicionalmente é uma loira”.

Pela dança, a candidata a Deusa do Ébano incorpora toda uma liturgia musical do negro, do Ilê Aiyê que é belo, forte, heróico, amoroso, que honra a família, que é inteligente, vitorioso, religioso, que é o agente da sua própria história e o herdeiro de uma valorosa tradição.

No concurso, não há como determinar quem é mais ou menos bela, o que é valorizado é o espetáculo que a candidata oferece, e este possui um caráter efêmero.

Este padrão de beleza é indefinido, espetacular e imprevisível e, por isso, torna-se extensivo a qualquer mulher negra. Para o Ilê, todas as negras são belas.

Por ter que centralizar todos os atributos do bloco, a sua escolha corresponde a uma espécie de renovação do universo do bloco, de todas as suas atividades.

Através dela, o mesmo, o eterno e o verdadeiro retornam no novo. Durante um ano, e principalmente durante o Carnaval, ela torna-se o tipo ideal, o arquétipo, a encarnação do modelo do ser negro.

Sua imagem de Deusa do Ébano deve ser gerada a partir do carisma do bloco. Todavia, os seus vínculos e aptidões pessoais e interiores não poderão sobrepujar jamais a imagem e a força simbólica do Ilê Aiyê.

Sua escolha demarca o início e o fim do ciclo do bloco, é o último elemento para a renovação de mais um ano de atividades, para que tudo seja antigo e novo ao mesmo tempo.

A Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê, junto a toda a história do bloco, mostra que a festa, a aparência e a beleza, longe de serem aspectos superficiais das manifestações

culturais, atuam como um dos elementos geradores de modificações sociais e individuais, sejam elas políticas, econômicas ou espirituais. A partir desta festa, ficou mais fácil para homens e mulheres negros “se assumirem” e usarem no cotidiano os atributos de uma beleza só sua, advinda daquilo que eles realmente são.

Além disso, e acima de tudo, os elementos de beleza que compõem o espetáculo da Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê, dentro e fora do palco, atuaram e ainda atuam como pontos de partida e deflagradores de criações e experimentações que constituem o jeito de ser da negritude na teatralidade cotidiana da Bahia.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Atividades pedagógicas

Colaboração: Ana Célia da Silva

atividade

1. Numere a 2ª coluna de acordo com a 1:

- a) 01 de novembro de 1974
 - b) 20/11/1995
 - c) 1988
 - d) 1995
 - e) data do nascimento de Mãe Hilda
-
- () fundação do Projeto de Extensão Pedagógica
 - () 06/01/1923
 - () viagem a Serra da Barriga para evento dos 300 anos de Palmares
 - () criação da Escola Mãe Hilda
 - () criação do Bloco Afro Ilê Aiyê

2. Ligue as palavras da 1ª coluna ao seu significado correspondente, na 2ª coluna:

- | | |
|----------------------------|--|
| ◆ Obaluayê | ◆ cidade de Oxum |
| ◆ Abonmey | ◆ Congo, Moçambique, Mali, Ghana atual Benin |
| ◆ Abeokutá | ◆ segundo dono da cabeça da iniciada |
| ◆ Juntó | ◆ nome africano dado à iniciada |
| ◆ Grandes reinos africanos | ◆ o Velho, o que tem o dom da cura |
| ◆ Digina | |

atividade

3. Pesquise o significado dessas sociedades femininas secretas da África:

Mawu

Ezeli

Nassissim

Wagadu

Geledés

4. Construa frases com os nomes das guerreiras africanas:

Rainha Nzinga de Angola

Dandara do Quilombo dos Palmares

Aqualtune, mãe de Zumbi

Mãe Hilda Jitolu

5. A partir da leitura do texto das páginas 62 a 64, promova uma discussão que contemple as seguintes ideias:

- a) O significado da maternidade e da paternidade para a família negra brasileira.
- b) A importância da participação masculina na criação dos filhos.
- c) Ser pai é um direito de todo homem. Ter um pai é um direito de toda criança.

atividade

6. Complete a letra da música em homenagem à Mãe Preta, Mãe Hilda.

Mãe preta _____

Trinta anos de _____

Dos quais destinados _____

Ao culto do _____

7. Verifique no glossário o significado das seguintes palavras:

Alafins

Aiyê

Deká

Ifá

Iyalorixá

Jitolu

Olorun

Orun

glossário

- ◆ **Abeokutá** Cidade do Reino Yorubá na Nigéria.
- ◆ **Alafins** Reis, personagens sagrados entre os yorubás.
- ◆ **Aiyê** a terra, o mundo visível.
- ◆ **Axé** força vital que unifica a todos os seres humanos em todas as dimensões da vida.
- ◆ **Banté** peça ritual das vestimentas de Oxum.
- ◆ **Dahomé** antigo Dan-Homé, cuja capital era Abomey no interior das terras que hoje correspondem à República do Benin.
- ◆ **Deká** conjunto de rituais que constituem o poder de Mãe de Santo
- ◆ **Iyalorixá** zeladora de Orixá.
- ◆ **Digina ou Orukó** nome ritual.
- ◆ **Iyá** Mãe
- ◆ **Ifá** o Orixá do oráculo, que tem o poder da leitura do mundo.
- ◆ **Ilê** casa, mundo
- ◆ **Iyalorixá** Mãe de Santo na religião de origem Yorubá.
- ◆ **Jitolu** digina, nome ritual de Mãe Hilda Jitolu.
- ◆ **Juntó** o Orixá que acompanha o Orixá principal que representa o guia espiritual de cada pessoa.
- ◆ **Kekés** mimos.

glossário

- ◆ **Olorun** o lugar que equivale ao paraíso, o eterno, o infinito, o transcendental
- ◆ **Orun** o céu, o mundo espiritual
- ◆ **Oxum** Orixá feminino das águas doces, originária do rio Oxum
- ◆ **Obaluaiyê** o Orixá responsável pela saúde, o médico do candomblé, filho de Nanã, irmão de Oxumaré. O dono da cabeça de Mãe Hilda Jitolu.
- ◆ **Pegi** o espaço sagrado que guarda os Orixás.
- ◆ **Pepelé** mesa para rituais.
- ◆ **Ronkó** o lugar do recolhimento religioso dos iniciados das religiões africanas.
- ◆ **Vodun** as entidades sobrenaturais da religião africana de origem jêje.

bibliografia

Caderno de Educação "*A Força das Raízes Africanas*". Volume IV. Bloco Ilê Aiyê, Projeto de Extensão Pedagógica. Salvador, 1996.

Silva, Rita de Cássia Maia da. *Cor, cosmética e estilo: três discursos da Beleza Negra na Salvador contemporânea*. 1994. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Silva, Rita de Cássia Maia da. *Salvador; Ritos e espetáculos da negritude: o mundo negro do Ilê Aiyê no mercado simbólico da baianidade*. 2002. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Reis, Isabel Cristina Ferreira dos. *Histórias da vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX*. Edufba. 2001.

Siqueira, Maria de Lourdes. *Agô, Agô Lonan*. Mazza Edições. Belo Horizonte, 1998.

Siqueira, de Lourdes. Os fundamentos africanos da religiosidade brasileira. In: *História do Negro no Brasil*. Vol. 1. O Negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição. Org.: Kabengele Munanga. CNPQ e Fundação Palmares. Brasília, 2004.

Santos, Hilda Dias dos. *Mãe Hilda - A História da minha vida*. Editora EGBA. Salvador, 1997.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
**Vol. 12 – Mãe Hilda Jitolu - Guardiã
da fé e da tradição africana**

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho • Dario da Páscoa
• Jônatas Conceição da Silva • Hildete Valdevina
dos Santos Lima • Edson Tohiar de Matos • Wilson
Batista dos Santos • Osvalrízio do Espírito Santo
• Edmilson Lopes das Neves • Roberto dos Santos
Rodrigues • Paulo Raimundo Ferreira Bonfim (*in
memoriam*) • Arany Santana Neves Santos • Elizete
Matos dos Santos • José Carlos dos Santos • Maria
de Lourdes Siqueira • Vivaldo Benuindo dos Santos
• Paulo Cezar da Costa Cerqueira • José Antonio
Cunha • Oduvaldo de Jesus Santos (*in memoriam*)

Coordenação Pedagógica: Jônatas Conceição

Pesquisa e Textos: Maria de Lourdes Siqueira

• Arany Santana • Jônatas Conceição **Capa e**

Ilustração: J. Cunha **Educadores:** Ana Célia da

Silva • Jaime Sodré • Durvalina Cerqueira •

Edmilson da Mota • Jo Guimarães • Sandro Teles

• Iara da Silva Magalhães • Hildelice Benta dos

Santos • Eliete Matos dos Santos • Valdina Pinto

Jorge Conceição • Lindinalva Barbosa •

Cristiano Leão • Maria de Lourdes Siqueira •

Clémerson Correia • Isabelle Sanches

Lícia Barbosa • Dete Lima • Jaguaracira Andrade

Santos • Daniela Pereira Barbosa • Railda

Barbosa Costa **Produção:** Via Direta **Comunicação**

Coordenador: Benneh Amorin **Editores e Diagramação:**

Helida Rocha **Impressão:** Venture Gráfica

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade • Salvador • Bahia





MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

